

Produtor agrícola é explorado

Apesar da produção agrícola do Distrito Federal ser significativa, o produtor enfrenta problemas de um sistema de comercialização deficiente. Os preços pagos pela Cobal não satisfazem a maioria, principalmente devido ao lucro que o órgão tem comparado ao que ganha e investe o produtor. A produção estacional também impede que a oferta satisfaça a procura, criando um quadro de complexos problemas que prejudicam o produtor, devido a especulações de terceiros.

Os hortomercados da SAB foram criados com o objetivo de atender produtor local, a fim de garantir-lhe um mercado para sua produção, segundo o superintendente do órgão, Fernando Queiroz Neves. Tal iniciativa fracassou porque o produtor não produz constantemente durante o ano e em virtude disso não quis se comprometer com o mercado. Este passou a ser explorado por permissionários dos boxes que especulam e exploram os preços, sem que tenham que produzir.

Na Ceasa, os agricultores vendem seus produtos por "preços às vezes absurdos". Segundo o presidente do Sindicato dos Agricultores, Renato Duarte Moreira, cerca de 150% de lucro é obtido pelos permissionários que exploram os boxes. A denúncia foi feita também a Cobal, que prefere importar certos produtos, vendendo-os por preços altíssimos, a pagar um preço justo ao produtor. Este opta muitas vezes por estocar seu produto, e quando não dá, devido a sua natureza perecível, ou o vende com prejuízos, ou perde a safra.

O exemplo do feijão, que é um fato atual foi dado. O produtor da área geoeconômica de Brasília tem o produto estocado e recusa-se a vendê-lo pelo preço da Cobal (10 cruzeiros o quilo), principalmente por saber que o produto é colocado à venda por cerca de 25 cruzeiros, ficando o órgão com 15 cruzeiros de lucro, sem que tenha despesas de produção, como é o caso do agricultor. Atualmente o feijão está sendo importado do exterior, sob orientação da Cobal.

O presidente do Sindicato Rural declarou que estocou 250 sacas (60 kg) de feijão que produziu para não ter que vendê-la por seiscentos cruzeiros cada (preço Cobal). Segundo o presidente, o agricultor tem despesas de sacaria, transporte, Funrural, Prorrural, financiamento, mão-de-obra, semente, previdência social, defensivos, adubos, irrigação, além de seu próprio trabalho.

Renato Duarte calculou a renda de um produtor de tomates, que é um produto dos mais lucrativos e declamou que seu produtor ganha na comercialização cerca de 20 mil cruzeiros mensais para investir na nova plantação e pagar as taxas que lhes são impostas.

As importações de outros estados são a maior parte dos produtos consumidos. Segundo a Emater, Brasília importa 60% de hortigranjeiros de São Paulo. O superintendente da Sab completa: a importação é feita por não produtores, os permissionários, que negociam na fonte exportadora mesmo que esta também esteja em fase de importação, ou seja, não há preocupação com os preços. O produtor local na situação sai perdendo, pois os excedentes industriais (como a laranja para sucos) de São Paulo é muito mais barato do que o produto de região do Distrito Federal.